



## **ATIVIDADES AGROECOLÓGICAS E EDUCAÇÃO DO CAMPO: O DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES SABERES**

Brunna Rafaella Teixeira da Silva; Paulina Alves da Silva; Monalisa Porto Araújo; Louize Gabriela Silva de Souza; Severino Bezerra da Silva

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Universidade Federal da Paraíba*  
[brafaela.teixeira@gmail.com](mailto:brafaela.teixeira@gmail.com), [paulinaalvesdasilva@yahoo.com.br](mailto:paulinaalvesdasilva@yahoo.com.br), [monalisa.porto@ifrn.edu.br](mailto:monalisa.porto@ifrn.edu.br),  
[louizegaby@hotmail.com](mailto:louizegaby@hotmail.com), [severinobsilva@uol.com.br](mailto:severinobsilva@uol.com.br)

### **Resumo:**

O artigo trata da problemática da relação entre os saberes populares, escolares e científicos e as possibilidades de reconstrução desses saberes pela Educação Popular do Campo. A discussão foi construída a partir do projeto de pesquisa em extensão tecnológica financiado pelo CNPq “Educação do Campo e agroecologia: reconstruindo tecnologias sociais nas escolas do campo” e acompanhado pelo Grupo de Pesquisa Coletivo Terres (Terra, Educação e Saberes). A questão que orientou a reflexão foi: como as atividades de agroecologia na escola do campo fortalecem a relação entre saberes diferentes? Objetivamos discorrer sobre as possibilidades do trabalho de conscientização agroecológica, mediante o respeito a diversos contextos de saberes, na construção de uma escola popular do campo. A discussão terá base em Freire (2013), Altieri (2000), Caporal (2004), Almeida (2010), Saborin (2009) e Santos (2007).

**Palavras-chave:** Agroecologia, Extensionismo Rural, Educação Popular do Campo, Saberes.

### **INTRODUÇÃO**

Depois do início da segunda Revolução agrícola também conhecida como Revolução Verde, entre as décadas de 1960 e 1970, e dos processos desiguais de automação industrial no campo, visando maior produtividade, houve um aprofundamento da desestabilidade social no campo, que atingiu principalmente as famílias camponesas, com seus modos de produção destoantes da forma hegemônica de acumulação de riqueza produzida pelo capitalismo (SABORIN, 2009). Essas transformações econômicas tiveram desdobramentos para as dimensões culturais e políticas, reforçando as visões estereotipadas das pessoas que vivem no campo, vistas como sem importância e inferiorizadas em relação aos valores e modos de vida urbanos. As modificações do campo econômico forçaram o grupo camponês a marginalidade social, sendo considerados sem técnicas e sem conhecimentos para contribuir com a evolução e desenvolvimento social evocados pela industrialização e modernização ao longo dos anos.

Embora haja um contexto de forte marginalização do contexto econômico, político e social dos camponeses e de seus saberes, com tentativas não totalitárias de silenciamentos, outros processos autônomos também foram se constituindo e se fortalecendo no campo,



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

proporcionada pela luta histórica da América Latina refletir sobre suas limitações colonialistas e possibilidades históricas de libertação, esse processo de reflexão/ação orgânico denominado de Educação Popular representa uma reorientação no pensar e no tratamento dos grupos populares diante das formas hegemônicas que negam seus espaços e suas culturas, porque se baseiam no ‘equivoco gnosiológico’ de imposição de outros saberes, valores e modos de vida às camadas populares, negando sua importância e sua capacidade de inovação social (FREIRE, 2013).

Para as populações camponesas os efeitos desse pensamento foram sentidos em extremo pela negação de sua validade social, cultural, política e como referência econômica do atraso, que ainda se sustentava pela necessidade de alimentar a cidade, pela violação do direito de valorização do lugar e de seu modo particular de produção. Diante desse contexto de negação buscamos refletir sobre alternativas de revalidação do saber das populações camponesas, mediante a reflexão da questão de como as atividades de agroecologia na escola do campo fortalecem a relação entre saberes diferentes? Buscamos com essa reflexão discorrer sobre as possibilidades do trabalho de conscientização agroecológica, mediante o respeito a diversos contextos de saberes, na construção de uma Escola Popular do Campo.

## **METODOLOGIA**

A discussão foi construída a partir de uma abordagem qualitativa, que permite uma análise da pluralização das esferas de vida, da atenção a individualização das formas de vida e da atenção às diversas culturas (FLICK, 2009). Além disso, construímos a reflexão mediante dois tipos de pesquisa: uma bibliográfica e outra participativa. A primeira etapa para a execução do trabalho foi escolher o tema e a delimitação do mesmo. A partir do tema, iniciamos uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto em questão. Através dessa primeira leitura fez-se uma seleção das obras que foram examinadas mais detidamente: Freire (2013), Altieri (2000), Caporal (2004), Almeida (2010), Sabourin (2009), Santos (2007), Fernandes e Molina (2004) e o projeto submetido ao CNPq “Educação do Campo e agroecologia: reconstruindo tecnologias sociais nas escolas do campo”, com vigência de janeiro de 2015 a dezembro de 2016.

O projeto implanta canteiros sustentáveis, com cultivo consorciado entre fruta, plantas medicinais, hortaliças e verduras, para, por meio da Unidade de Demonstração (UD), uma das técnicas de metodologias participativas em Extensão

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Rural, ampliar a horta escolar. O caráter participativo da pesquisa é propiciado por acompanharmos diretamente o projeto mencionado como ação demandante do Grupo de Pesquisa Coletivo Terres, no qual acontece nossa inserção acadêmica e nos dedicamos aos temas: educação popular do campo; extensão rural, saberes, agroecologia, horta escolar e tecnologia social.

A dimensão participativa de nossa pesquisa é característica de pesquisas qualitativas que seguem a perspectiva da Educação Popular, que transcende a relação tradicional de sujeito e objeto de pesquisa, mais entende a complexidade de inserção do pesquisador e do ato de pesquisar contextos sociais diversos (DIONNE, 2007). Para a construção dos resultados do estudo utilizamos os relatórios de visita à escola e diários de campo dos bolsistas que acompanham as experiências de ampliação da horta escolar nas duas escolas municipais do município de Ipanguaçu – RN, localizado na microrregião do Vale do Açu. O município apresenta feições marcadamente rurais, com uma população total de 13.856 habitantes, sendo 5.383 na área urbana e 8.473 na área rural, o que representa cerca de 61% da população morando no campo, de acordo com os dados do Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

As duas escolas atendidas são: a Escola Municipal Nelson Borges Montenegro, situada na Comunidade da Agrovila Picada, localizada a 7 km do centro do município de Ipanguaçu, reconhecida, oficialmente, como comunidade remanescente de quilombo desde 2010 pela Fundação Cultural Palmares (FCP), tem aproximadamente 139 famílias; a outra escola, é a Escola Municipal Nobre de Siqueira esta, situada na comunidade de Tabuleiro Alto, com 20km do centro da cidade, é caracterizada por ser um Assentamento Rural, na estrutura de Agrovila.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **A luta pelo direito à Educação Popular do Campo**

A Educação do Campo, com essa denominação específica, aparece em fins da década de 1990, com a Conferência Nacional “Por Uma Educação do Campo” (1998). Essa Conferência foi organizada pelos movimentos sociais do campo, sociedade civil organizada, instituição de ensino e entidades com histórico de luta e compromisso pelas causas populares. Esse momento aparece como marco para avançarmos na luta específica pelo reconhecimento do direito à Educação do Campo e pelo tratamento público a essa escola (KOLLING, 1999).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Porém, é necessário destacar que a história de luta por Uma Educação do Campo não está restrita a década de 1990, mas remonta a própria luta da Educação Popular por se constituir como ideário educativo viável para repensar as práticas escolares no sentido de contribuir para as transformações das condições sociais de opressão e colonização. Para Carrilo (2013) podemos compreender a Educação Popular não apenas pelo seu ideal de democratização da escola, mas sua missão é mais abrangente, para esse autor a “educação popular não é uma variante ou extensão da democratização da escola, e sim uma concepção emancipadora que busca transformar a ordem social e o próprio sistema educacional” (CARRILO, 2013, p 18).

Desde as práticas dos movimentos de cultura iniciados por Paulo Freire na década de 1960, a Educação Popular vem passando por processos de transformação para atender as demandas populares, que são múltiplas, diversas e contextuais. Essa perspectiva vem se vivificando por toda a América Latina e se diversificando em tempos espaços, públicos, práticas, organizações e instituições. Em seu atual momento, denominado de ‘refundamentação’ por autores como: Wanderley (2010), Paludo (2006) Pontual (2006) Hurtado (2006) Guevara (2006)<sup>1</sup>, busca se reinventar em conceitos e encontrar novas hermenêuticas para análise social e para os processos de autorreflexão das práticas construídas com as camadas populares.

A Educação do Campo aparece contemporaneamente como uma metamorfose da Educação Popular na busca de novas formas de enfrentamento à desigualdade social e marginalização econômica e cultural (PORTO ARAUJO, 2014), por isso assumimos a incorporação do adjetivo ‘popular’ à referida denominação. A Educação Popular do Campo luta pela eliminação das desigualdades presente no campo, que ainda hoje são sentidas em todas as dimensões da vida, incluindo as desigualdades educacionais. Se compararmos alguns dados de escolas urbanas e rurais podemos encontrar os seguintes resultados com ano de referência 2013: a proporção de pessoas de 13 a 16 anos de idade que frequentam Ensino Fundamental Regular com distorção idade-série no campo é de 53,9%, enquanto que na cidade esse índice é de 38,3%; o percentual de frequência da população entre 04 e 05 anos de idade na escola de educação básica no campo é de 72,8%, na cidade cai aumenta para 83,2%; a média em anos de estudos das pessoas com 25 anos ou mais de idade no campo é de 4,4 anos, já na cidade é de 8,2 anos; por fim, a taxa de analfabetismo na população com 15 anos ou acima dessa idade no campo é de 20,8% e na cidade esse índice cai para 6,4%.

<sup>1</sup> Artigos datados de 2006 mencionados presentes na publicação: PONTUAL, Pedro. IRELAND, Timothy (org.). Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas – Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Com os dados apresentado está mais do que justificada a necessidade de buscarmos estratégias de eliminação das condições de desigualdade educacional e superação da marginalidade cultural do campo e do camponês na sociedade. O campo que historicamente foi tratado como elemento de atraso, de mero produtor de alimentos para propiciar o desenvolvimento urbano passa a ser visto por suas características, não como negatividade, mas em possibilidade e diversidade.

Para a Educação Popular do Campo, considerando a contribuição da articulação histórica dos grupos sociais e da sociedade civil como um todo na busca pelo atendimento a suas demandas, o campo é visto como um espaço social específico, e não subordinado, que embora explorado, tem construído suas possibilidades de desenvolvimento ético e humano, com base em valores de solidariedade e reciprocidade. O campo é entendido em sua pluralidade produtiva, cultural, social, educativa. Para Fernandes & Molina (2004, p.63) o campo não pode ser visto somente como “um local de produção de mercadorias, mas um lugar onde a vida também acontece, como um lugar de construção e reconstrução de saberes”.

É preciso, portanto, entender que o campo não é um espaço de privações ou faltas, mas sim um território em que se pode compreender as diversidades, proporcionando a formação humana completa, desde as esferas política, sociais e econômicos, até o vínculo do ser humano com a natureza e o meio em que habita. Assim pode-se entender que uma das formas de alcançar o pleno desenvolvimento da capacidade dos indivíduos é pela formação e sistematização do saber, cabendo a escola essa função de levar a educação para além dos muros.

A diversidade constitutiva do campo vem da própria pluralidade dos grupos que constituem o campo. Para Molina (2004) são diferentes povos que podem ser considerados como camponeses e público direto da Educação do Campo: quilombolas, assentados, acampados, ribeirinhos, povos da floresta, camponeses, artesãos, seringueiros, etc. Essa diversidade de práticas, modos de vida, experiências tem repercussão nas formas de produção dos saberes das populações do campo. Esses saberes precisam ser incorporados pela escola e não negados, fazendo com que os conteúdos sejam ampliados e façam mais sentido para a vida dos educandos.

O projeto que acompanhamos corrobora com essas concepções tenta fortalecer as ações voltadas à Educação Popular do Campo, como uma defesa do fortalecimento da educação pública e de reconstrução das escolas do campo, garantindo a concretização do direito à educação a todos, sendo respeitados em seus aspectos socioculturais e econômicos. A

valorização dos valores camponeses está na base do



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ideário dessa proposta, por isso aliar escola com a vida, com a produção, com os modos de ser e agir das pessoas do campo é uma forma de construir essa proposta.

Foi na busca por práticas que dialoguem com o contexto do campo que chegamos a temática do Projeto de Extensão Tecnológica, aliando práticas de agroecologia, com a horta escolar, com a dinâmica da própria escola. Quando os educandos vem a escola incorporando seus modos de vida e produção eles também se sentem valorizados. Além disso, a horta escolar tem possibilitado a interação e integração entre esses vários âmbitos da vida e saberes distintos (científicos, escolares e populares), pelas práticas de manejo que permitem tanto uma análise dos conhecimentos escolares e científicos que podem ser produzidos, aplicados, experimentados, comprovados ou negados, quanto incorporar os saberes populares ligados à experiência das práticas agroecológicas. Também permite uma maior aproximação entre escola e comunidade, quando os monitores de agroecologia são pessoas da própria comunidade e criam formas de repasse da produção da horta para as famílias dos educandos.

### **A relação entre saberes diferentes pela agroecologia na escola do campo**

O projeto de Extensão Tecnológica traz para a escola do campo uma proposta de fortalecimento e ampliação da horta escolar com a perspectiva de estender a ideia de tecnologias sociais sustentáveis a partir das atividades de produção desenvolvidas pelos sujeitos, valorizando a cultura e seu modo de produção local. O projeto de Extensão Tecnológica traz um olhar diferenciado não apenas para a comunidade escolar, mas para os bolsistas que participam da experiência, uma inserção profunda na escola e uma educação com compromisso social para os licenciando em química e a visão da extensão como ação educativa para os bolsistas técnicos em agroecologia.

O Canteiro Sustentável foi construído a partir da ampliação da horta escolar existente para oficina de Agroecologia do Programa Mais Educação<sup>2</sup>. Atividade escolhida pela escola inicialmente com o intuito de garantir as crianças da escola uma merenda mais rica em nutrientes, mas que foi fortalecendo uma outra visão sobre a importância da horta na escola, e a partir do canteiro sustentável as crianças e a comunidade foram sendo integradas aos valores agroecológicos, já que é mantida sem o uso de agrotóxicos.

---

<sup>2</sup> Programa Mais Educação (PME), programa do governo federal, responsável por levar às escolas atividades artístico-culturais no contra-turno das atividades regulares para as escolas. Iniciado apenas com as escolas urbanas em 2008. A partir de 2013, com cinco anos de diferença em relação ao início das atividades nas escolas da cidade, ocorre a ampliação do PME às escolas públicas da área rural, sofrendo algumas adequações para o novo público a ser atendido



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

A agroecologia enquanto modo de vida e campo científico que se constrói tendo como base as práticas de agricultores tradicionais e os saberes e valores construídos por essas práticas (CAPORAL. COSTABEBER, 2004). Para os agricultores e camponeses tradicionais o processo de produção do alimento se confunde com o movimento de construção da própria vida, e não uma atividade laboral de esforço, dor e obrigação, exceto quando esses são obrigados a trabalhar para o grande latifúndio. O trabalho camponês é de cuidado, de relação com a natureza, de alegria em ver seu canteiro produzindo. Essa relação de respeito estabelecida constrói outras racionalidades, com base em valores sustentáveis, de respeito, de solidariedade, mesmo quando esses não tem a consciência nem o domínio dos métodos científicos, estão construindo saberes.

De acordo com a visão agroecológica os saberes dos agricultores devem ser respeitados, pois são saberes que refletem uma racionalidade construída em um âmbito social coletivo, mesmo que os envolvidos nos processos de aprendizado pela prática não tenham nenhum tipo de relação com o conhecimento científico. Almeida (2010) apresenta uma discussão que problematiza o intelectual para além da instituição acadêmica, para a autora:

O intelectual é aquele que manipula, constantemente a mesma interpretação, inserindo-a num campo maior, observando suas transformações, dialogando com ela, pensando sobre ela em outros contextos próximos e distantes. O intelectual é um artista do pensamento porque dá forma a um conjunto de dados, aparentemente sem sentido e desconexo. Onde quer que se opere essa complexa arte do pensamento aí está em ação um intelectual. Por isso, podemos falar em intelectuais da tradição. Eles são os artistas do pensamento que, distantes dos bancos escolares e universidades, desenvolvem a arte de ouvir e ler a natureza à sua volta (ALMEIDA, 2010, p. 72).

Os agricultores praticam os saberes agroecológicos com técnicas e metodologias que, muitas vezes são usadas nos bancos da Universidade, contudo, podemos entender que esses agricultores podem não entender cientificamente como as diferentes reações ou os diferentes processos de cultivos acontecem de acordo com o conhecimento científico, mas eles possuem um saber e conhecimentos que são inerentes aos aprendizados tradicionais, conseguem ler e entender a natureza a sua volta, de acordo com suas tecnologias.

Outras atividades desenvolvidas com as crianças como o manejo e manutenção da horta pelo projeto de Extensão Tecnológica tem se mostrado positiva diz respeito às questões de consciência agroecológica, as crianças começam a compreender melhor a relação do cultivo e como se dá o processo deste. É importante enfatizar que o canteiro sustentável também tem buscado estimular a criatividade social e a reinvenção de práticas de artesanato com a palha da banana, replicando esse saber fazer em



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

oficinas abertas à comunidade de Picada e Tabuleiro Alto.



Fonte: Acervo próprio, Escola Picada, 2015.



Fonte: Acervo próprio, Escola Tabuleiro Alto, 2015.

Tentamos problematizar situações que aparecem como problema ao cotidiano da comunidade. Por exemplo, algumas problemáticas relacionadas a água ou ao solo da região tem causado possivelmente a improdutividade do solo para algumas espécies de plantas que são cultivadas na horta escolar, mais precisamente as hortaliças que geralmente são mais sensíveis a salinização do solo. Tal preocupação tem sido apresentada recentemente pela escola aos alunos do projeto de extensão. Com isso, tem-se buscado investigar possíveis soluções para o problema. Para essas ações de pesquisa contamos com a parceria do Instituto que tem cedido espaços laboratoriais para a realização das análises do solo e da água que são utilizadas para irrigação da horta. Nesse sentido, a ideia é que uma vez que se consiga encontrar a solução para o problema, toda essa discussão seja compartilhada com a comunidade escolar, afim de que não seja interrompido o processo da troca de saberes.

No projeto de extensão a horta é uma importante ferramenta para interligar os saberes, tanto os saberes dos sujeitos que vivem na comunidade onde a horta está localizada, quanto os saberes dos extensionistas rurais, propiciando assim a potencialização dos diferentes saberes, valorizando o diálogo entre os indivíduos e entre os diferentes tipos de conhecimento. Contribuindo assim para a emancipação dos saberes populares, escolares e científicos. Os saberes em uma relação tradicional estão submetidos a hierarquização de validação, tendo como referência o saber científico, os saberes populares, entendidos como saberes do senso comum são colocados como inválidos. Para Santos (2002) precisamos de formas de emancipação das pessoas pela confrontação e emancipação dos saberes pelos graus de validação, para esse autor o senso comum traz lições importantes para o saber científico e sua



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

apropriação é capaz de diminuir as linhas abissais que separam os indivíduos.

A Extensão Rural é um espaço privilegiado das instituições de ensino de diminuir as distâncias com a sociedade, mas também com os distintos espaços de construção e aplicação de saberes. Freire em seu livro *Extensão ou Comunicação* (2013) critica a forma de fazer a Extensão Rural como prática social de “transferir conhecimento”, na qual há a transmissão do saber científico, sobrepujando os saberes empíricos. A maneira como esse saber é ensinado, pode acarretar na manipulação, na transmissão e na invasão nas inter-relações entre os diferentes sujeitos envolvidos: o extensionista rural e o homem do campo. Segundo Freire,

Como educador, se recusa a “domesticação” dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação, não ao de extensão. Parece-nos óbvio [...] que, ao estabelecer suas relações permanente com os camponeses, o objeto fundamental do extensionista, no trabalho de extensão, é tentar fazer com que aqueles substituam seus “conhecimentos”, associados a sua ação sobre a realidade, por outros. E estes são os conhecimentos do extensionista. (FREIRE, 2013, p.24)

Por meio da Extensão Rural e da Agroecologia pode-se pensar em novas tecnologias para a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos do campo, levando em conta os princípios agroecológicos de sustentabilidade que seria uma nova maneira de produção, incorporado aos saberes tradicionais, de forma que esses saberes possam ser produzidos, reproduzidos, potencializados e desenvolvidos. Assim de acordo com Freire (2013), essas práticas extensionistas devem ser atreladas a reconstrução dialética da construção de saberes, sem que haja um processo de dominação ou opressão por parte do extensionista.

A ampliação da horta escolar garante a valorização e replicação da ideia de que a diversificação da produção é uma prática sustentável, agroecológica e de difusão de tecnologias sociais. Alguns pontos que podemos destacar sobre a horta escolar no projeto que vivenciamos é a função recorrente que assume em todas as experiências escolares, o aumento da produção pode significar uma melhoria quanti-qualitativa para a merenda escolar, como também pode ser doada aos pais e/ou responsáveis e pessoas da comunidade no geral. Outro ponto que destacamos é a produção de lamedor com as plantas medicinais que fortalecem os saberes populares do campo e ajudam a replica-lo para as novas gerações.

Com a diversificação da horta pela implantação do plantio consorciado de fruta, com o cultivo da bananeira, matéria base para oficinas de qualificação profissional em artesanato, garantindo uma diversificação cultural e profissional para as pessoas da comunidade onde as escolas estão inseridas. A qualificação profissional pode ser um elemento de geração de renda para a melhoria da vida das pessoas que moram e



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

vivem do campo e um recurso para diversificação das atividades que compõem a agricultura familiar camponesa, sendo elemento de reconstrução de tecnologias sociais. Segundo o Relatório RIO+20 - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (2011, p. 7), Tecnologia Social “compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representam soluções efetivas de transformação social”.

Em uma das visitas realizadas a horta da escola de Picada foi possível verificar, entre os alunos como a atividade transformou a rotina da escola, ao associar o conhecimento prévio dos alunos e as atividades práticas de cultivo da terra propostas pelos monitores envolvidos. As atividades realizadas fora da sala de aula convencional contribuem para a articulação entre mundo do trabalho e da produção camponesa, além de fazê-los se sentirem colaboradores, responsáveis e participes de ações que contribuem no engrandecimento pessoal e coletivo, fortalecendo uma aprendizagem integral, envolvendo conteúdos e habilidades do campo conceitual, procedimental e atitudinal (ZABALA, 1998). Segundo Emanuel, monitor da horta, mesmo em alguns momentos críticos onde a escola precisava racionar a água, bem como com a suspensão das atividades de agroecologia ligadas ao Programa Mais Educação do governo federal, a ideia do projeto do canteiro conseguiu ser mantida, graças ao comprometimento de todos os envolvidos.

Nesse sentido, a extensão rural que vivenciamos a partir da horta escolar serve como impulsionadora das relações sociais, como um espaço do ato educacional, na qual abrange não apenas a horta em si, mas o modo de vida das pessoas do campo, como elas se relacionam, porque agem de determinada maneira, no que essas pessoas acreditam. Assim, a horta serve como instrumento de germinação na relação de construção de saberes que devem ser valorizados, potencializados, interligados e não apenas inferiorizados ou marginalizado pelo conhecimento científico. Buscando assim, o fortalecimento dos saberes populares do campo e consequente disseminação dos valores agroecológicos que fortalecem a construção de uma Escola Popular do Campo

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das discussões apresentadas neste artigo pode-se perceber a importância das atividades desenvolvidas no projeto e como elas propiciam novos conhecimentos aos alunos das escolas do campo e da comunidade, e as possibilidades das ações de investigações



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

científicas, considerando os conhecimentos empíricos e a valorização da sua cultura.

Em suma, o projeto possibilita a interação entre as áreas de conhecimento científico, técnico, conhecimento popular e a participação direta dos sujeitos envolvidos no processo de desenvolvimento rural, sinalizando sua relevância para a extensão rural como fortalecimento das bases extensionistas, na construção da sustentabilidade a partir das tecnologias sociais em bases agroecológicas.

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000;

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. 1.ed. Brasília: MDA/SAF, 2004. v.1. 24 p.

CARRILO, Afonso Torres. A educação popular como prática pedagógica e emancipatória. In: STRECK, Danilo. ESTEBAN, Maria Teresa (orgs.). Educação Popular: lugar de construção social e coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

CNPq. **Projeto Práticas Agroecológicas e Educação do Campo: Vivenciando a Reconstrução de Tecnologias Sociais nas Escolas do Campo**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Edital CNPq-SETEC/MEC N° 17/2014.

DIONNE, Hugues. A pesquisa-ação para o desenvolvimento local. Tradução Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da Educação do Campo**. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire S. Azevedo de. (org). Contribuições para a construção de um Projeto de Educação do Campo. Caderno 5. Brasília: Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução Joice Elias costa. – 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed 2009.

FONSECA, Maria Teresa L. **A Extensão Rural no Brasil, um projeto educativo para o capital**. São Paulo: Loyola, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**; 16ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática docente**. Paz e Terra: 1996.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

KOLLING, E.J.(Org). A Educação básica e o movimento social do campo: Por uma educação básica do campo. Brasília: Editora. Universidade de Brasília, 1999. 21-29 p.

MATHEUS, Mateus de Moura Ferreira. RIBEIRO, Mayra Lazzarini Silveira. A educação em direitos humanos. ATHENAS vol. 2, ano. III, ago.-dez. 2014. Acesso 14- Agosto de 2016 <[http://www.fdcl.com.br/revista/site/download/fdcl\\_athenas\\_ano3\\_vol2\\_2014\\_artigo3.pdf](http://www.fdcl.com.br/revista/site/download/fdcl_athenas_ano3_vol2_2014_artigo3.pdf)>

MOLINA, M.C. (Org). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo:** Por um tratamento público da Educação do Campo. N° 5 ed. Coleção por uma Educação do Campo:Brasília,2004. 91-109 p.

ONU. **Relatório RIO+20** - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. Junho, 2011.

PORTO ARAÚJO, M. Educação do Campo e Educação Integral. In: MOREIRA, O. de L. (org.) Educação do campo: reflexões teóricas e práticas pedagógicas. João Pessoa: Editora UFPB, 2014. 69-82 p.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil Entre a Troca Mercantil e a Reciprocidade.** Tradução de Leonardo Milani. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Boaventura Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática – 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002

SILVA; A, S. FAGUNDES; L, F. **Agroecologia e Educação do Campo.** Boletim DATALUTA maio, 2011.Disponível em:<[http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/5artigodomes\\_2011.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/5artigodomes_2011.pdf)> Acesso em 19 jul.2016.

ZABALA, Antoni. **A pratica educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.